

EDUCAÇÃO DIALÓGICA EM EAD: EXAME E CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERAÇÃO EM FÓRUNS DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO

HORÁCIO, Heiberle Hirsberg

Doutor e mestre na área de Ciências Sociais da Religião (UFJF). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da EaD (UFF). Especialista (UFOP) e graduado (UFSJ) em Filosofia.

RESUMO:

Mobilizando a perspectiva da educação dialógica, analisou-se intervenções tutoriais nos fóruns de um curso em EAD. Observou-se na análise uma tutoria pouco interativa, mais transmissiva do que reflexiva, que não aciona múltiplas vozes, dificultando a construção de um conhecimento colaborativo.

Palavras-chave: Educação dialógica; Fórum; Interação; Tutoria; EAD.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo a reflexão sobre as possibilidades de uma educação dialógica em EAD. Para tal intento lançou mão de aportes teóricos que sustentam a perspectiva da chamada educação dialógica, bem como de alguns trabalhos construídos em torno dessa perspectiva. Mobilizando essa concepção de educação baseada no dialogismo, este artigo analisou algumas intervenções tutoriais nos fóruns de discussão de um curso em EAD, curso esse desenvolvido através da plataforma Moodle 2.0.

Este trabalho, leva em consideração que o processo de tutoria não deve se restringir, sobretudo no tocante a capacitação, ao desenvolvimento exclusivamente técnico com relação às interfaces comunicacionais, mas que deve procurar enfatizar o desenvolvimento dos comportamentos comunicacionais, ou seja, a postura comunicativa / discursiva do tutor.

A presente discussão, teve como parâmetro as pesquisas que lançam mão de aportes teóricos que trabalham o desenvolvimento do processo dialógico, ou diálogo virtual, para uma maior eficácia na interação tutorial.

Especialmente, esse artigo foi orientado pelos trabalhos dos pesquisadores Marcelo Giordan e Sílvia Dotta (2007), e assim como ambos e através da leitura deles, utilizou-se como aporte as contribuições de Motimer e Scott (2002),

bem como as reflexões de uma chamada concepção dialógica de educação composta por Gordon Wells (1999) e Paulo Freire (1983). Ademais, esse trabalho teve por fonte/objeto dois fóruns de um curso de graduação em Pedagogia na modalidade a distância. Baseando-se nas noções de processo dialógico, procurou-se apontar os desajustes e as qualidades das intervenções dos tutores nos fóruns acima mencionados.

Na perspectiva de se pensar a tutoria em EAD sob o entendimento do processo dialógico, torna-se oportuno que as sugestões de Paulo Freire sejam demarcadas, que mesmo não escrevendo sobre EAD abre uma possibilidade de leitura para a relação tutor-aluno. Paulo Freire questiona a noção de transferência de saberes em contraposição a de educação dialógica, uma vez que para ele esse segundo tipo de educação é melhor por ser problematizadora e colaborativa. Na leitura que os pesquisadores Marcelo Giordan e Sílvia Dotta fazem especificamente sobre a aprendizagem dialógica em serviços de tutoria pela internet, eles observam que:

O educador precisa, então, atuar como gestor da comunicação em sala de aula, promovendo situações que possibilitem a participação ativa e crítica dos estudantes na construção do conhecimento e isso somente é possível a partir do diálogo. As características desse diálogo precisam ser construídas com características que vão além da troca de palavras entre os interlocutores, precisam considerar as possibilidades de interação de múltiplas vozes (DOTTA; GIORDAN, 2007, p. 3).

Assim sendo, é imprescindível pensar com relação à tutoria em EAD que “as possibilidades de interação, geradas por interfaces de comunicação, dependem de estratégias didáticas propostas pelo educador que fomentem o diálogo problematizador” (DOTTA, 2007, p.3). Para Silvia Dotta, pode-se ver que em Paulo Freire:

a busca do conhecimento se dá necessariamente por uma estrutura dialógica, na qual o ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá por meio dos signos linguísticos. Portanto, educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. Para isso, a expressão verbal de um dos sujeitos tem de ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito [Freire, 1977: 66, 67, 69]. Para que os interlocutores possam ter semelhante compreensão de um objeto, sua expressão precisa se dar por meio de signos linguísticos pertencentes ao universo comum a ambos. (DOTTA, 2007b, p.3).

Do ponto de vista educacional supracitado, a expressão verbal de um dos sujeitos tem de ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito (DOTTA, 2009, p.19). Além disso, é imprescindível a busca do acionamento de múltiplas vozes, uma vez que a instauração de múltiplas vozes “no diálogo em sala de aula estabelecerá a compreensão em torno da significação do signo, e, conseqüentemente, levará à aprendizagem” (DOTTA, 2007b, p. 3). Destarte, “a aprendizagem dialógica é um processo que promove o reposicionamento do sujeito no horizonte conceitual do outro e a apropriação de gêneros de discurso e atitudes científicas” (DOTTA, 2007b, p.3).

Na esteira do movimento sugerido por Dotta, de uma perspectiva de educação dialógica, composta pelas contribuições supramencionadas de Paulo Freire e Wells, observa-se que esse último formula o conceito de dialogic inquiry, onde sugere que:

[...] a natureza dialógica do discurso deve ser explorada para possibilitar a construção colaborativa do conhecimento. Por meio do discurso dialógico, ideias podem ser refinadas e esclarecidas. O autor sugere que os estudantes devem ser encorajados a expressar suas opiniões individuais e, também, a comentar e questionar as opiniões dos outros, pois esse processo poderá contribuir para o entendimento individual e coletivo. Para isso, é necessário considerar que o discurso deve envolver mais que uma simples troca de opiniões, mas que

essa troca, questionamento e revisão de ideias levarão a um novo entendimento, a uma transformação, daquilo que se conhecia previamente (DOTTA, 2009, p. 46).

Wells (1999) considera que o diálogo entre professores e alunos é um diálogo que embora busque aproximar objetivos, é um diálogo entre participantes em condições distintas, já que o professor ocupa uma função de mediador que o investe da necessidade de interligar-se não só ao aluno, mas ao conteúdo que será dado. O professor precisa ainda assegurar “que os estudantes sejam engajados aos conteúdos curriculares, e apropriar-se desses conteúdos para seu proveito próprio, atual e futuro, assim como, possam tornar-se membros produtivos da sociedade da qual fazem parte” (DOTTA, 2009, p.47). Para a pesquisadora Silvia Dotta:

Esse engajamento depende, sobretudo, da realização de atividades colaborativas por meio da criação, na sala de aula, de uma comunidade de aprendizagem, na qual ocorre o compartilhamento de conhecimento entre professores e alunos e entre alunos e alunos (DOTTA, 2009, p. 47).

Às contribuições supracitadas de Wells e Paulo Freire, acrescenta-se as de Mortimer e Scott (2009), que fazem em suas apreciações, sobre as interações dos professores, a distinção entre discurso de autoridade e discurso dialógico.

Mortimer e Scott (2009, p. 8) trabalham o conceito de “abordagem comunicativa” e buscam sistematizar “como o professor trabalha as intenções e o conteúdo do ensino por meio das diferentes intervenções pedagógicas que resultam em diferentes padrões de interação”. Eles identificam quatro classes de abordagem comunicativa, definidas através das relações de intervenção entre professor e aluno. São elas: discurso dialógico ou de autoridade; discurso interativo ou não-interativo. Para eles:

[...] a natureza das intervenções pode ser caracterizada em termos de dois extremos. No primeiro deles, o professor considera o que o estudante tem a dizer do ponto de vista do próprio estudante; mais de uma ‘voz’ é considerada e há uma inter-animação de idéias. Este primeiro tipo de interação constitui uma abordagem comunicativa dialógica. No segundo extremo, o professor considera o que o estudante tem a dizer apenas do ponto de vista do discurso científico escolar que está sendo construído. Este segundo tipo de interação constitui uma abordagem comunicativa de autoridade, na qual apenas uma ‘voz’ é ouvida e não há inter-animação de idéias (MORTIMER; SCOTT, 2009).

De acordo com Mortimer e Scott (2009, p. 7), uma abordagem dialógica não precisa necessariamente ser enunciada por um grupo de autores, o que a caracteriza é “o fato de que ele expressa mais de um ponto de vista - mais de uma ‘voz’ é ouvida e considerada - e não que ele seja produzido por um grupo de pessoas ou por um indivíduo solitário”.

Com relação a distinção entre o discurso interativo e o discurso não interativo, o primeiro ocorre com a participação de mais de uma pessoa. Segundo os autores, discurso interativo e não-interativo podem gerar quatro classes de abordagem comunicativa. São elas:

- a. Interativo/dialógico: professor e estudantes exploram ideias, formularam perguntas autênticas e oferecem, consideram e trabalham diferentes pontos de vista.
- b. Não-interativo/dialógico: professor reconsidera, na sua fala, vários pontos de vista, destacando similaridades e diferenças.
- c. Interativo/de autoridade: professor geralmente conduz os estudantes por meio de uma sequência de perguntas e respostas, com o objetivo de chegar a um ponto de vista específico.
- d. Não-interativo/ de autoridade: professor apresenta um ponto de vista específico (MORTIMER; SCOTT, 2002).

Para finalizar essa etapa de circunscrição teórica, construir-se-á um pequeno interlúdio com algumas apreciações e advertências que podem fortalecer a análise. Por exemplo, vale ressaltar que nos ambientes virtuais de comunicação, mesmo os assíncronos como os fóruns, o processo comunicativo conquanto dependente das trocas textuais, pode lançar mão de elementos, como objetos de aprendizagem, que amenizem as ausências de gestos, expressões faciais, olhares, tom de voz, ou seja, de possibilidades comunicativas não textuais. O fundamental é que o processo comunicativo seja norteado por uma postura colaborativa, e não transmissiva, de educação. Além disso, torna-se imprescindível pensar que:

[...] as possibilidades de interação, geradas pelos softwares de comunicação, como correio eletrônico, fóruns de discussão, teleconferências etc., dependem - muito mais que da sua potencialidade técnica - de estratégias didáticas propostas pelo professor que contextualizem o diálogo e promovam a aprendizagem dialógica (DOTTA, 2009, p.18).

Ademais, de acordo com a perspectiva supracitada pode-se novamente salientar a importância de uma tutoria orientada por uma concepção dialógica, já que:

No diálogo praticado em atividades educacionais a distância, os agentes da comunicação, além de apropriar-se da ferramenta cultural utilizada para sua prática (por exemplo, fóruns, chats), precisam apropriar-se também da linguagem utilizada para essa comunicação. Isso significa que esse tipo de diálogo ganha características diferentes de outros tipos devido ao contexto em que ocorre. Por essa razão o estudo do diálogo a distância deve considerar, além dos enunciados emergentes nas interações professor-aluno, as interações professor-aluno-signos e os gêneros discursivos que constituem essas interações em atividades educacionais a distância e que são determinados pelo contexto da interação verbal (...) (DOTTA, 2009, p. 24).

Destarte, a prática do diálogo virtual e uma tutoria norteada por essa prática vão ao encontro das considerações da pesquisadora Silvia Dotta ao avaliar que “um espaço virtual de ensino-aprendizagem não é apenas um conjunto de objetos ou atividades, mas um meio pelo qual as pessoas experimentam, agem e vivem” (DOTTA, 2009, p.28).

Posto isso, depois dessa primeira parte onde após um interlúdio teórico apontou-se alguns aportes que servem para reflexão sobre a abordagem tutorial, iniciar-se-á processo de análise.

DESENVOLVIMENTO

Fóruns analisados da disciplina Filosofia da Educação

Nessa análise qualitativa, norteada pelos aportes teóricos de uma educação dialógica unificada e sugerida pela pesquisadora Silvia Dotta (2007, 2007b, 2009), buscou-se refletir sobre ações de comunicação tutorial com atitudes dialógicas ou não dos tutores. Observando se a ação tutorial lança mão de múltiplas vozes, se aciona instrumentos auxiliares na sua mediação, se possui um diálogo não-autoritário e problematizador, ou se ao contrário disso, suas interações procuram fazer uma transferência de saberes muito mais intencionada em tirar dúvidas rápidas e com tons de discursos de autoridade.

Para tanto, selecionou-se trechos de dois fóruns que revelam algumas práticas dos tutores durante uma disciplina de Filosofia da Educação do primeiro período da graduação em Pedagogia de uma universidade pública mineira. Em ambos os fóruns, os nomes da instituição, dos tutores e dos alunos foram preservados.

A disciplina possuiu ao longo de sua extensão (1 semestre) 4 fóruns, além das atividades

avaliativas. Levando em consideração que o primeiro fórum foi de apresentação dos alunos e o último fórum foi livre, selecionou-se os dois fóruns que estavam diretamente vinculados à disciplina. Os dois fóruns selecionados para a análise serviram de ferramenta de construção e avaliação da disciplina Filosofia da Educação do curso de Pedagogia (modalidade EAD). Os objetivos da disciplina são indicados na apresentação da mesma feita pelos tutores, aqui transcritos integralmente:

Apresentação e objetivos da disciplina

Caros alunos,

Vamos iniciar nossa disciplina de Filosofia da Educação lembrando a vocês que em nosso dia a dia ouvimos com frequência referências à Filosofia com expressões do tipo: “minha filosofia de vida”, “isso não passa de vã filosofia” ou “filosofia de botequim” entre outras. Mas, afinal, o que é Filosofia? Qual a importância da Filosofia para a Educação? São estas e outras questões que vamos tratar neste nosso curso. Vamos discutir sobre o que é refletir criticamente, o que é argumentar, isto é, saber expressar seu ponto de vista e defendê-lo. Enfim, o propósito é praticar um pouco desse exercício mental e ponderar sobre os pressupostos de nossa atividade educativa. É perceber que a Filosofia tem sentido, que é algo gostoso e que dá prazer de se praticar e estudar.

Ótimo curso!”

Nos fóruns analisados as mensagens são ordenadas por data e são alternadas por mensagens de participantes distintos. É uma comunicação assíncrona e não linear o que pode dificultar a observação de uma visão total do processo. Para a análise selecionou-se as mensagens iniciais dos alunos, as mensagens de respostas do tutor e as réplicas dos alunos, quando elas existiram.

De acordo com pesquisa prévia realizada, os fóruns sempre possuíam um texto base para discussões e sua tematização se dava após conversas entre o professor da disciplina e seu tutor.

Os Fóruns

O 1º Fórum (A) - O Processo do Filosofar

Nesse fórum o texto base “O Processo do Filosofar” é do autor Carlos Cipriano Luckesi. Na primeira postagem no fórum, o tutor faz a seguinte introdução:

Apresentação do Fórum feita pelo tutor: “Luc-

kesi no seu livro Filosofia da Educação no capítulo 2 denominado O Processo do Filosofar sugere que o exercício de filosofar passa por três momentos. O primeiro está relacionado a admissão de “que vivemos e vivenciamos valores e que é preciso saber quais são eles”, ou seja, é necessário inventariar os valores. O segundo consiste em submeter os valores a uma crítica e o terceiro em construir criticamente novos valores. Seguindo a sugestão do autor, responda: o que são valores?”

Resposta da aluna A:

Valores são as qualidades boas ou ruins, que o ser humano possui e podem ser adquiridas na família, na escola ou até mesmo ser inventariadas como o texto de Luckesi nos mostra. Através das ações das pessoas podemos identificar os valores, e observando esses valores construímos um conceito a seu respeito. Ao ler o texto, percebi que o processo de filosofar se baseia em análises e críticas dos valores atuais comparados aos de outras épocas ou outras culturas que pode variar de uma sociedade para outra.

Resposta do tutor à aluna A:

Olá aluna A, não podemos reduzir a definição de valores à qualidades boas e ruins. Valores são mais amplos do que qualidades. Vamos pesquisar mais sobre valores? Abraços

Resposta da aluna B:

Valores são virtudes que qualificam o ser humano. Eles estão inseridos na vida do homem com uma certa magia, ajudando-o a viver bem na sociedade e consigo mesmo. Eles estão na família, na sociedade, na escola transmitindo paz e alegria a todos e precisamos saber identificá-los. Os valores desenvolvem nas pessoas a capacidade de amar as pequenas coisas e a valorizar a própria vida como presente de Deus. O ser humano precisa ter consciência desses valores, selecioná-los, viver emoções, alegrias e amor, colocando-os nas páginas da sua vida, filosofando e reconstruindo esses conceitos. “Não tenha vergonha de ser bom, porque a bondade é virtude de poucos.” (Don João Bosco-Bispo Diocesano).

Resposta do tutor à aluna B:

Oi aluna B, como estão as coisas na cidade Y? Aluna B, não podemos reduzir a definição de valores à virtudes, pois ela extrapola essa simples delimitação. Você também poderia explicar melhor o que quer dizer quando fala que os valores “estão inseridos na vida do homem com uma certa magia”. Por favor, pesquise sobre o tema e esclareça nossas dúvidas. Abraços

Resposta da aluna C:

Valores são as ideias e convicções que temos sobre a vida, que definem quem somos, que guiam e justificam nossas ações, nosso comportamento, nossos relacionamentos. São os critérios que utilizamos para valorizar ou desvalorizar as coisas e que traduzem nossas preferências.

Resposta da aluna D:

Os valores estão diretamente ligados a honestidade, ética, educação, cultura de um povo, humildade, justiça, solidariedade, enfim é tudo aquilo que demonstra o caráter de uma pessoa,

é algo que a sociedade precisa reinventar, pois estão esquecidos pelo ser humano que se torna cada vez mais individualista onde cada um é dono seu próprio umbigo.

Resposta do tutor à aluna D:

Oi aluna D, tudo bem? Como estão as coisas na cidade Y? Aluna D, como eu já escrevi para suas amigas, a definição de valores que alguns de vocês colocaram é muito restrita e limitada, pois reduz valores, como você diz, ao “caráter de uma pessoa” e o associa apenas a algumas qualidades (honestidade, ética, humildade...). Além disso, você escreve que a “sociedade precisa reinventar, pois estão esquecidos”. Com essa afirmação, você quase fala que nossa sociedade não possui valores. Eu pergunto: Existe alguma sociedade sem valores? Existem valores que são naturalmente bons? Ou o caráter, positivo ou negativo, dos valores é estabelecido pela sociedade? Vamos refletir sobre essas questões? Abraços

Réplica da aluna D, endereçada ao tutor:

Tutor, o que eu quis dizer é que: os valores estão meio esquecidos pela maioria das pessoas e que precisamos resgatar esses valores; não que esses valores não existam e nem façam parte da sociedade, eles estão apenas adormecidos por uma sociedade que na maioria das vezes é muito egoísta e individualista.

Resposta da aluna E:

Tutor, respondendo aos seus questionamentos, com uma insegurança que você nem imagina, pois você pode não concordar, digo que: não existe sociedade sem valores, pois são eles que regem os comportamentos individuais e coletivos, seja de forma positiva ou negativa. Eles estão presentes na forma de tratar as pessoas como as mulheres, os idosos, os homossexuais, os pobres, os ricos, enfim...

Resposta da aluna F:

Luckesi, Cipriano Carlos conceitua valores como sendo conjunto de saberes adquiridos no senso comum e assimilados espontaneamente na vivência cotidiana. Sendo assim ele posteriormente afirma que vivemos e vivenciamos valores

O 2º Fórum (B) - O que é educação?

Nesse fórum o texto base foi “O que é Educação?”, reproduzido do livro Didática Geral de Claudino Piletti:

O que é Educação?

Podemos começar a pensar sobre a educação analisando o seguinte fato histórico: Por ocasião do tratado de Lancaster, na Pensilvânia (Estados Unidos), no ano de 1744, entre o governo da Virgínia e as seis nações indígenas, os representantes da Virgínia informaram aos índios que em Williamsburg havia um colégio dotado de fundos para a educação de jovens índios e que, se os chefes das seis nações quisessem enviar meia dúzia de seus meninos, o governo se responsabilizaria para que eles fossem bem tratados e aprendessem todos os conhecimentos do homem branco. A essa oferta, o representante dos ín-

dios respondeu: “Apreciamos enormemente o tipo de educação que é dada nesses colégios e nos damos conta de que o cuidado de nossos jovens, durante sua permanência entre vocês, será custoso. Estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração.

Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa. ...Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas quando eles voltaram para nós eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportar o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo ou construir uma cabana, e falavam muito mal nossa língua. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta, e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar nossa gratidão concordamos que os nobres senhores da Virgínia que nos enviem alguns de seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos deles homens”. (Extraído de um texto escrito por Benjamin Franklin.)

Na primeira postagem no fórum o tutor fez a seguinte pergunta inicial: “Caros alunos, da resposta dada pelo representante dos índios, o que se pode concluir como sendo educação? Ou seja, segundo o texto, o que é educação?”.

Resposta da aluna A:

Acredito que a ideia de educação que nos passa o texto é de que ela é um processo de ensino-aprendizagem que prepara a pessoa para a vida da qual faz parte, ou seja do seu grupo, transmitindo-lhe os conhecimentos necessários para se ajustar a esse grupo e construir uma identidade. Para o índio isso significa ensinar e aprender suas crenças, hábitos, costumes, a lidar com o meio em que vive, buscando sobreviver, conviver e ajustar-se ao seu meio. Para eles a educação dos brancos de nada vale pois não oferece o essencial que eles precisam.

Resposta da aluna B:

O texto nos mostra pontos de vista diferentes a cerca da educação. Para os brancos a forma de educar se orienta a partir do conhecimento adquirido com o tempo de convivência com o grupo social. Já os índios valorizam sua cultura dentro dos costumes, crenças, hábitos preocupando-se também com os valores da tribo. Nota-se que cada povo possui um tipo de educação e diferentes formas de educar. Os valores morais, sociais e religiosos fazem parte do processo educativo de uma sociedade.

Resposta da aluna A dirigida à aluna B:

É verdade aluna B, a visão de educação não é a mesma para todos. No mundo dos brancos mesmo ela se diferencia, razão porque ela está sempre em crise, principalmente pelo fato desta questão cultural onde se elege algumas como melhores

em detrimento de outras como a cultura popular desprestigiada nos currículos escolares.

Resposta da aluna B dirigida à aluna A:

Vejo, aluna A que estão em crise porque as pessoas não se unem em prol de objetivos para melhorar a educação no país, enquanto que por exemplo, os índios pensam no grupo, na satisfação de todos a que pertencem aquela cultura.

Resposta da aluna C:

Concordo com você aluna A quando diz que educação é um processo de ensino-aprendizagem que prepara a pessoa para a vida da qual faz parte, porque a educação é a convivência, a crença, os costumes e hábitos que temos do grupo em que vivemos, da sociedade na qual fomos criados e formados. Para os índios nada valeria o aprendizado de seus jovens com o homem branco, porque chegariam em suas aldeias não sabendo fazer nada do que eles precisavam ali.

Resposta do tutor à aluna C:

Aluna C legal você dialogar com a aluna A, esse é o “espírito” de um fórum. abraços

Resposta da aluna D:

Concordo com as colegas alunas A e D, educação é saber respeitar os valores adquiridos em seu grupo de convivência. Para os índios educação se resume basicamente na luta pela sobrevivência, claro que sabemos que eles se respeitam, porém abrevio o assunto assim dizendo. Já os brancos têm o seu lado intelectual mais desenvolvido, educação para eles vai bem além de sobrevivência. Trata-se em primeiro lugar de ter um bom relacionamento com os demais, saber respeitar o outro. Na área de educação escolar trata-se de adquirir de bom nível de conhecimento.

Resposta do tutor à aluna D:

Oi aluna E, tudo bem? Aluna E, você pode nos explicar melhor o que quis dizer com “os brancos têm o seu lado intelectual mais desenvolvido”? Abraços

Réplica da aluna D à intervenção do tutor:

Oi tutor. Quando coloquei que os homens brancos têm seu lado intelectual mais desenvolvido, me referi ao homem branco citado no texto 4, uma comparação homem branco/índio. Penso que o homem branco tem seu lado intelectual mais desenvolvido por preocupar com o seu futuro, buscar um conhecimento a favor de melhoria de vida e também de um crescimento pessoal o qual o torna mais capacitado para o mercado de trabalho, diferentemente do índio que só se preocupa com sua sobrevivência e de seu grupo.

Resposta do tutor à aluna D:

Oi aluna E, tudo bem? Aluna E, avalio que as suas considerações não estão bem articuladas, pois carecem de uma maior precisão conceitual, já que você utiliza noções como, preocupação com o futuro, melhoria de vida e crescimento pessoal, e as emprega como referências para falar da intelectualidade humana. Abraços

Tréplica da aluna D ao tutor:

Me desculpe mas penso não estar errada quanto a minha colocação. Para mim o ser humano pode

desenvolver seu lado intelectual através de estudos e de seu entendimento. De maneira que terá um crescimento pessoal pois será mais culto e esses seres que têm essa preocupação em adquirir cada vez mais conhecimento, anseiam por um futuro melhor. Diferentemente do índio, o qual na maioria das vezes luta apenas para sobreviver, preocupando-se apenas com o básico.

Análise e considerações sobre a interação nos fóruns sob a perspectiva dialógica

Da análise das estruturas e interações dos fóruns observou-se que eles sempre possuíam um texto base/fomentador para as discussões. Textos esses que eram tematizados após conversas de planejamento entre o professor responsável pela disciplina e o tutor da mesma. Aqui é possível fazer uma primeira consideração, já que de acordo com as referências bibliográficas, o ato de procurar traçar uma aproximação e um perfil dos alunos, como foi feito no primeiro fórum, facilita a construção de uma prática dialógica. Ademais, o comportamento do professor em buscar referências e informações com o tutor para a estruturação da disciplina, segue as recomendações de uma prática colaborativa em EAD.

A respeito do tutor, ele inicia o primeiro fórum com um enunciado fomentador da discussão (apresenta afirmações e um questionamento do professor Carlos Luckesi). Ao observar esse enunciado viu-se que a pergunta contida nele, haja vista tratar-se de uma pergunta “categórica”, talvez dificulte interações e reflexões em torno dela, já que parece ser do grupo de questões fechadas, isto é, que podem ser respondidas através de uma simples consulta a alguma bibliografia ou dicionário. Assim sendo, ela possibilita que o aluno responda a questão de uma maneira pouco problematizadora, através de fragmentos do texto, por exemplo. Isto foi observado na fala da aluna F, que se limitou a fazer um pequeno resumo da definição do autor do texto.

Sobre a postura do tutor, fica evidente desde as suas primeiras intervenções no fórum sua preocupação com a qualidade na definição dos conceitos e afirmações. Foi recorrente a pergunta feita pelo tutor: “não compreendi a afirmação de que “valores são argumentos que utilizamos para definir nossas preferências. Você pode nos explicar melhor?” Nesse caso, a preocupação com a definição cuidadosa do conceito parece oportuna, todavia, o tutor não segue uma ação dialógica, uma vez que mesmo

ele convidando o aluno para voltar ao fórum e responder a questão, ele não problematiza a situação, tampouco aponta ao aluno outras vozes que possam dialogar com a questão. Desse modo, corre-se o risco da réplica incorrer no mesmo problema. Nesse caso vale lembrar a advertência de Dotta (2007, p.3):

As características desse diálogo precisam ser construídas com características que vão além da troca de palavras entre os interlocutores, precisam considerar as possibilidades de interação de múltiplas vozes.

Além disso, podemos refletir se esse comportamento do tutor não pode ser pensando como um comportamento “interativo não-dialógico”, pois por mais que ele procure conduzir os alunos através de uma série de perguntas, como na fala do tutor direcionada à aluna D, tem-se a impressão de que o tutor direciona suas perguntas para a perspectiva adotada por ele. Assim, talvez, nesse momento, seu estilo de interação se aproxime de um tipo classificado como interativo/de autoridade, no qual o “professor geralmente conduz os estudantes por meio de uma sequência de perguntas e respostas, com o objetivo de chegar a um ponto de vista específico” (MORTIMER; SCOTT, 2009).

Viu-se também na fala do tutor várias partes onde ele diz: “não podemos reduzir valores a...”. Considera-se que tal procedimento talvez possa inviabilizar um caminho não autoritário, já que a negação direta a uma resposta, sem procurar através de questionamentos compreender o motivo da resposta, pode impossibilitar o diálogo cooperativo. Quiçá tais considerações acima possam ser corroboradas com a fala da aluna E. Fala que pode ilustrar a percepção que os alunos possuíam do tutor nesse momento: “Tutor, respondendo aos seus questionamentos, com uma insegurança que você nem imagina, pois você pode não concordar, digo que (...)”.

Ainda sobre a fala supramencionada, vale a pena recorrer novamente à reflexão da pesquisadora Silvia Dotta, na qual ela salienta pesquisas que indicam casos de pouca participação nos fóruns tendo como motivo, segundo alegações dos alunos pesquisados, a inibição e o constrangimento que os alunos sofreriam por postarem um texto fora do “domínio da modalidade culta da língua” (DOTTA, 2009, p.29).

A respeito do segundo fórum (B), se no primeiro fórum (A) indicou-se como um de seus pontos baixos a falta de diálogo entre os alunos,

no segundo fórum (B) houve um diálogo muito maior. Inclusive sendo destacado pelo próprio tutor na sua fala direcionada à aluna C: “Aluna C legal você dialogar com a aluna A, esse é o “espírito” de um fórum. Abraços”.

Também como no primeiro fórum, o tutor do segundo fórum (B) demonstra uma preocupação com os conceitos e afirmações, procurando construir perguntas que possam fazer com que os alunos revejam suas afirmações, como a da fala direcionada à aluna D: “D, você pode nos explicar melhor o que quis dizer com “os brancos têm o seu lado intelectual mais desenvolvido?”

No entanto, vale destacar que em alguns momentos o tutor do segundo fórum incide no mesmo erro do tutor do primeiro fórum, possuindo uma intervenção que mesmo procurando ser interativa, possui sempre como parâmetro as determinações do texto. Ademais, importante destacar as considerações de Mortimer e Scott (2009, p. 9) para nos distanciarmos de intervenções tutoriais que podem se tornar infelizes, no sentido que:

O professor considera o que o estudante tem a dizer apenas do ponto de vista do discurso científico escolar que está sendo construído. Este segundo tipo de interação constitui uma abordagem comunicativa de autoridade, na qual apenas uma ‘voz’ é ouvida e não há inter-animação de idéias .

Ainda sobre a interação entre o tutor e a aluna D, da réplica que o tutor dirige a essa aluna pode-se tecer a seguinte advertência: uma tutoria dialógica não deve partir do pressuposto que o aluno contém as mesmas referências que o tutor, uma vez que esse pressuposto pode impossibilitar o diálogo, já que “para que os interlocutores possam ter semelhante compreensão de um objeto, sua expressão precisa se dar por meio de signos linguísticos pertencentes ao universo comum a ambos” (DOTTA, 2007b, p.3).

Uma alternativa para a “redução das distâncias” entre o tutor e os alunos está relacionada com a necessidade do acionamento “de outras vozes” para o diálogo. Viu-se no referido diálogo do tutor com a aluna D a ausência do envolvimento de outras falas (sejam pessoais ou bibliográficas), bem como de instrumentos alternativos que repensem as perspectivas do diálogo, que no caso da interação com a aluna D, nos parece ser um referencial que debata o etnocentrismo, por exemplo.

Encerra-se as considerações sobre o segundo fórum (B), chamando atenção para o fato de

que mesmo este fórum tendo um mote fomentador mais flexível do que o primeiro fórum (A), uma vez que no segundo fórum há um texto relatando diferentes experiências educacionais, sua pergunta inicial talvez tenda a “fechar” as discussões. Isso porque a pergunta inicial do segundo fórum (“O que é educação, de acordo com o texto?”), pode fazer com que o aluno não procure outras referências além daquelas existentes no texto. O tutor sempre pode, no decorrer dos fóruns, elencar novas questões para dar continuidade ao diálogo no fórum. Nesse momento ele pode mobilizar outras referências e argumentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importa lembrar que pelo fato de que o fórum completo não tenha sido exibido, não se pode indicar se nele houve uma quantidade de alunos considerados “passivos”, que postam suas indicações pautadas em cópias de outros diálogos.

Ademais, ao procurar, sob a perspectiva dos aportes teóricos de uma educação dialógica, analisar as intervenções tutoriais em dois fóruns em EAD, objetivou-se, antes de tudo, refletir sobre as possibilidades de uma educação dialógica em EAD.

Buscando refletir sobre as intervenções tutoriais nos fóruns (espaço privilegiado desta pesquisa) tendo por base as concepções de Mortimer e Scott (2002) e as referências de educação dialógica e diálogo virtual, procurou-se afastar de uma atividade que estabelecesse um modelo de intervenção tutorial que pudesse ser aplicável a toda e qualquer situação. Longe disso, desejou-se indicar um norte para uma possível melhora, no sentido de estimular interações, nos comportamentos dialógicos do tutor, já que aqui se considera que o comportamento dialógico “inadequado” do tutor pode inibir a participação dos alunos nos fóruns.

Com relação à análise dos fóruns, observou-se uma tutoria com uma postura muito mais transmissiva do que reflexiva, que parece não possibilitar um conhecimento construído criticamente pelo aluno. Além disso, não foi raro encontrarmos uma postura “autoritária” do tutor, que em muitos casos não lançou mão das “múltiplas vozes” possíveis no processo tutorial e não procurou um comportamento interativo, todos os atributos recomendados por uma concepção de educação baseada no “dialogismo”.

Ademais, não foi constatado o acionamento necessário, pelo menos de acordo com a perspectiva aqui assumida, de instrumentos auxiliares nas mediações feitas pelo tutor analisado, bem como não se viu uma postura para o diálogo problematizador. Ao contrário disso, algumas interações procuravam fazer uma transferência de saberes muito mais intencionada em tirar dúvidas rápidas e com tons de discursos de autoridade. As chamadas questões fechadas talvez tenham dificultado a interação nos fóruns e o debate problematizador.

Por fim, espera-se ter cumprido o objetivo proposto, que foi o de tecer pequenos apontamentos que possam possibilitar reflexões sobre a necessidade de pensarmos qualificações tutoriais que levem em conta os comportamentos dialógicos e não só exclusivamente técnico-metodológicos. Isso pode contribuir para uma tutoria que aumente a participação dos alunos nos fóruns, para edificar uma tutoria não autoritária, mas muito mais interativa e que possibilita diálogos problematizadores e reflexivos, que terão como consequência um processo educacional mais profícuo e prazeroso.

REFERÊNCIAS

DOTTA, Silvia; GIORDAN, Marcelo. Tutoria em Educação a Distância: um processo dialógico. *Anais do VirtualEduca 2007*. São José dos Campos, Univap, 18 a 22 de junho. Disponível em: http://quimica.fe.usp.br/~silviadotta/textos/dotta_giordan_VE_2007.pdf. Acesso em: 18 maio 2015.

DOTTA, Silvia; GIORDAN, Marcelo. O papel do diálogo em educação a distância. *Anais do VIII ENIL Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal*, São Paulo, 2007, FFLCH, 8 a 10 de agosto de 2007b. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/39_Silvia_D_e_Marcelo_G.pdf. Acesso em: 18 maio 2015.

DOTTA, Silvia. *Aprendizagem dialógica em serviços de tutoria pela internet: estudo de caso de uma tutora em formação em uma disciplina a distância*. São Paulo. Tese de doutorado, 2009.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MEDEIROS, Z; NASCIMENTO, S.S. Interações discursivas em um fórum on line. In: Encontro Nacional sobre Hipertexto, 3, Belo Horizonte,

2009, Anais... Disponível em www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/g-l/interacoes-discursivas.pdf. Acesso em: 18 maio 2015.

MORTIMER, E. F; SCOTT, P. Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. **Investigações em Ensino de Ciências**, 2009; Porto Alegre, v. 7, n. 3. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/revista.htm>. Acesso em: 18 maio 2015.

ROSSINI, Alessandro Marco. **As novas tecnologias da informação e a educação a distância**. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docên-**

cia como profissão de interações humanas . Petrópolis: Vozes, 2007.

VILLARDI, R. Desafios na formação de Tutores Sócio-Interacionistas para EAD. (2002). In: **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre, 2002, Programa de Pós-graduação em Informática na Educação - UFRGS, Maio de 2002, v.5.

VILLARDI, R; OLIVEIRA E.G. **Tecnologia na Educação**. Uma perspectiva sócio-interacionista. Rio de Janeiro: Dunya, 2005.

WELLS, Gordon. **Dialogic inquiry: toward a socio-cultural practice and theory of education**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999.